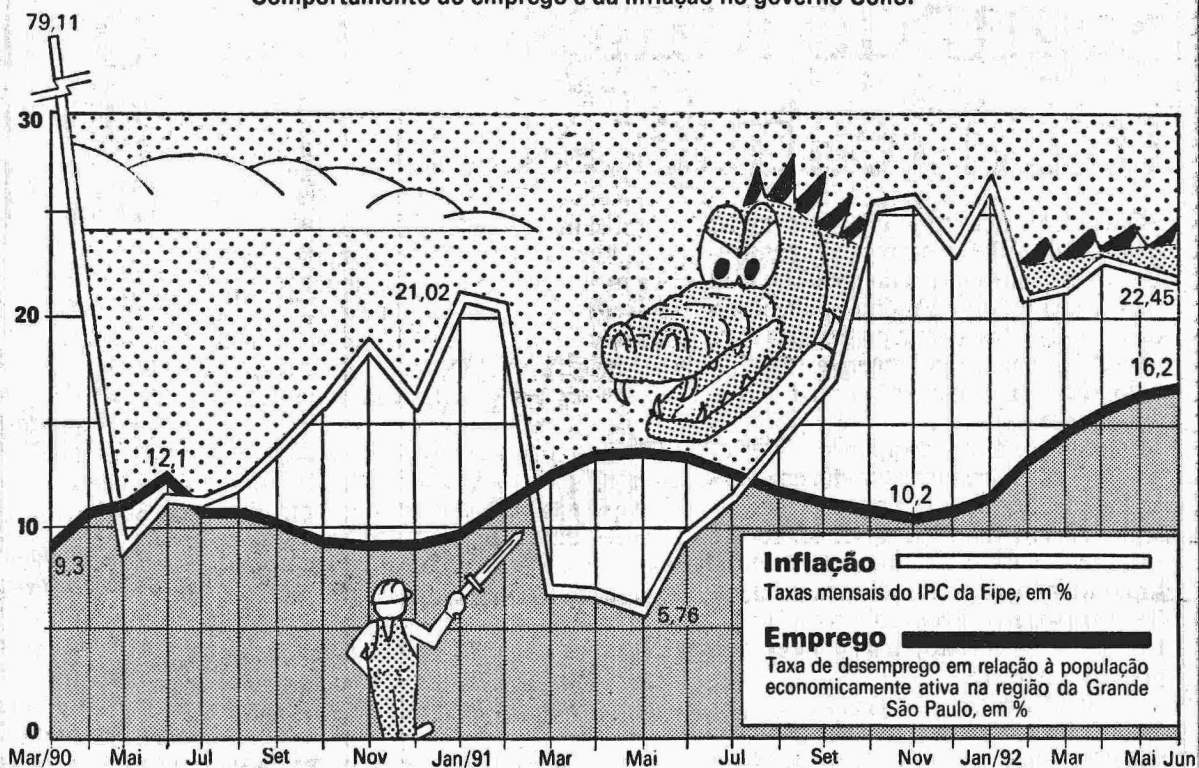


Custos pesados

Comportamento do emprego e da inflação no governo Collor



Desemprego cresce e inflação resiste

A rota recessiva que o governo Collor escolheu para combater a inflação e equilibrar a economia já deu mostras suficientes da sua ineficácia. O máximo que se conseguiu até agora, com a atual política de juros altos, foi estabilizar a inflação. Um resultado muito pequeno face ao sacrifício exigido da sociedade, traduzido em estagnação econômica e desemprego. "É um resultado exigido para um sacrifício social tão alto", afirma Antonio Carlos Borges, superintendente técnico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo.

O desemprego acumula taxas recordes a cada mês. Só na Grande São Paulo, o número de desempregados em junho chegou a 1,24 milhão, o que representa 16,2% da população economicamente ativa da região, conforme pesquisa da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). Em fevereiro de

1990, último mês do governo Sarney, a taxa de desemprego da região era de 8,1%.

Em fevereiro de 1990, véspera da posse do presidente Fernando Collor, o nível de atividade da indústria paulista, apurado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), indicava crescimento de 4,28%. Como consequência do Plano Collor, a Fiesp registrou em março queda de 12,76% na atividade das indústrias, seguida de mais 23,84% de redução em abril. De março de 1990 a junho deste ano, o nível de atividade acumulou queda de 6,99%.

Queda nas vendas — Do início do governo Collor até julho deste ano, as vendas do comércio caíram 6,7%, segundo dados da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. No primeiro ano de governo Collor, o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 4,26%. Em 1991, ficou praticamente estagnado, com crescimento de 1,1% em relação a 1990. No último ano da gestão Sarney, ape-

sar da inflação, o crescimento econômico ficou em 3,3%.

O congelamento e o bloqueio de cruzados do Plano Collor conseguiram reduzir a inflação por poucos meses. Em 1990, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), apurado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da Universidade de São Paulo (USP), caiu de 79,1% em março para 20,19% em abril e 8,53% em maio (ver gráfico). A partir de junho, as taxas voltaram a subir, saltando da faixa de 11% em julho de 1990 para 21% em janeiro do ano passado, o que levou à adoção de novo congelamento.

Com o Plano Collor 2, de fevereiro de 1991, a inflação caiu de novo, mas essa redução também durou pouco. O IPC/Fipe, que chegou a 5,76% em maio de 1991, voltou a subir rapidamente, atingindo a faixa de 25% em outubro. A adoção da política de juros altos diminuiu um pouco o ritmo de alta da inflação, que permanece estacionado na faixa de 21% a 22%. (G.C.)